

a presença de *la ruche*: experiências anarquistas¹

luíza uehara

A educação libertária é uma ofensiva direta ao controle dos corpos pretendido por uma educação disciplinar. Rompe com relações de utilidade e docilidade que submetem crianças e jovens ao controle do tempo, à delimitação do espaço e à restrição dos movimentos; não é uma alternativa à ordem.

La Ruche, em português A Colmeia, foi uma experiência fundada em 1904 por Sébastien Faure, seus amigos, jovens e crianças. Estava próxima à Paris, em uma fazenda de 25 hectares em Rambouillet. Possuía uma casa enorme e vários anexos destinados aos animais, à costura, uma oficina e uma pequena gráfica.

A educação não se restringia a currículos ou grades horárias fechadas, fazia parte de *La Ruche*. Faure sabia que não é possível prender a atenção de uma criança por muito tempo, por isso, o educador mantinha-se atento a isso para não cair em repetições, em um ensino cansativo, e cultivar

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol, bacharel em Ciências Sociais e mestranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

os conhecimentos em diferentes oportunidades: em uma conversa, em um passeio, em uma viagem... A educação era realizada para a criança, tinha a preocupação de ser integral, prepará-la para agir por si mesma ao colocá-la em contato com experiências de uma vida associativa livre.

Vasculhar folhetos e livros sobre *La Ruche* não é montar a História da Anarquia, mas destacar resistências ao governo sobre a vida.

“Aproximando-se de *La Ruche*, a estrada inclina um pouco. O cavalo Pyrame termina o trajeto lentamente. De longe se via ‘*La Ruche*’, escrito em letras grossas sobre o telhado. Ouviam-se os barulhos das crianças que vinham ver na estrada o novo que chegava. Titine e Lucienne me explicam: ‘Você vê esta pequena menina, é Guiguite (Marguerite), ela tem 4 anos, a maior do lado dela é sua irmã, Louissette, 7 anos. Há um mês elas estão aqui; são de Lyon. Sua mãe morreu jovem. O menino grande ali é Alfred e o outro é Félix...’ e muitos outros nomes que eu não guardei.

A carroça chega, entra no espaço pelo portão principal. Um grande número de crianças em volta da carroça gritam: ‘Vejam o novo! Vejam o novo!...’, e também algumas pessoas grandes.

Uma destas se desloca do grupo, me pega nos seus braços para me descer da carroça, me abraça e me coloca no chão. Era Sébast, com 49 anos.

Minha mãe nos contava tanto de Sébastien Faure que me parecia já o conhecer; como ele era simples, alegre e cheio de vida. Eu tive imediatamente uma boa impressão desta grande família onde, ao contrário daquela que eu tinha deixado (a minha), eu não sentia nenhum constran-

gimento, nenhuma palavra podendo machucar, nenhuma palavra que fosse uma ‘ordem’.”²

Sébastien Faure afirmava que as crianças e os jovens não estavam moldados; neles encontrava ardor, energia e força. Diferente dos mais velhos, em que já não via as mesmas paixões, cujas ideias cristalizadas não os permitiam experimentar algo novo. Aos mais jovens, nos quais a imaginação continua fervendo, seria preciso apresentar ideias puras, nobres, para que as abraçassem e delas se tornassem defensores desinteressados e generosos.

Para instigar esse vigor, Faure desenvolvia em *La Ruche* o *método positivo* de educação. Inspirado na experiência de Paul Robin³ com o Orfanato de Cempuis, propunha estimular o que considerava como as três faculdades humanas: física, intelectual e moral. Por meio deste método, cultivava a observação, pela qual a criança exercitaria a memória para que o aprendizado não caísse no esquecimento.

Os integrantes de *La Ruche* trabalhavam ao lado de Faure e eram conhecidos como *ruchards*. Eles vinham de vários lugares e não apenas cuidavam dos afazeres diários. Eram educadores. Um *ruchard* não era um professor, não buscava internalizar regras universais, nem a chave explicativa de tudo, mas suscitava o entusiasmo investigativo nas crianças.⁴

O método positivo desconhecia salas de aula fechadas. Os *ruchards* exploravam a floresta próxima à *La Ruche* para propiciarem uma educação atraente, com uma linguagem simples, inspiradora e não cansativa. Dispensavam salários, contratos ou recompensas. Estavam interessados em viver aquela experiência e novas relações com as crianças e

com Sébastien Faure. *La Ruche* não era uma colmeia com uma abelha-rainha e suas operárias.

Guentcho era um flautista búlgaro que cuidava da terra e ensinava música. Ao amanhecer, acordava e levava as crianças à floresta e dizia que naquele momento, quando a natureza desperta e os vapores da terra sobem ao céu, podia-se perceber o soar de uma flauta.

A música atravessava *La Ruche*. Não era uma disciplina curricular, nem estava apartada da educação anarquista, mas aproximava colaboradores e crianças por meio da dança, de um instrumento e das letras. Corroía a relação hierárquica professor-aluno.

Em *La Ruche* era inexistente qualquer forma de constrangimento à criança. Para Faure, não somente o uso de castigos físicos, mas de ameaças, caracterizam um adestramento que classifica as ações das crianças em recompensáveis ou puníveis. Essas são características de um ensino disciplinar que busca produzir uma determinada conduta.⁵ A relação das crianças com os *ruchards* dissolvia hierarquias: eles comiam, dançavam e cantavam juntos.

Marcel Voisin, um jovem que chegou em 1912 a *La Ruche* para pintar um ônibus e acabou ficando por 4 anos, cuidava da manutenção de ferramentas e ajudava Guentcho com o coral. Na tarde de sua chegada à fazenda, as crianças dançavam em uma sala e o jovem pintor também dançou. Ao som de uma flauta e de um bandolim dançaram uma mazurka; como os meninos e as meninas ainda não conheciam o nome daquele jovem, chamaram-no pelo nome da dança. Mesmo anos após a experiência, muitos ainda o chamavam Mazurka de *La Ruche*.

Alfred Joriot, outro *ruchard*, relata que visitantes também passavam por lá vindos de todos os lugares e empolgavam as crianças com suas histórias: “Havia camaradas de passagem que vinham para ficar pouco tempo e acabavam permanecendo mais. (...) Vinham de longe e algumas vezes de fora do país. Seus rostos expressivos e as dobras desfiadas de suas roupas carregavam a marca de uma vida aventureira. Alguns passaram anos na prisão, desafiaram a morte ou viajaram por milhares de quilômetros pendurados em um vagão de trem. Havia os italianos, de olhos escuros e cheios de faíscas, de gestos eloquentes; os espanhóis, cujo rosto refletia uma invencível energia; também os russos, os mais estranhos, mas que falavam melhor o francês. Contavam das incríveis aventuras que haviam escapado por um milagre: motins, fugas, perseguições, deportações para a Sibéria e as fugas de lá. (...) Depois de alguns dias ou semanas, iam embora. E as crianças, que já os amavam, entristeciam-se ao vê-los partir”.⁶

A anarquista russa Emma Goldman, acompanhada de Alexander Berkman, em 1907, também visitou *La Ruche*. Em sua revista *Mother Earth* conta a viagem ao destacar a importância e a coragem de uma experiência como esta em um momento de *padronizações*, em que qualquer invento parecia não ser bem-vindo.

Sua visita foi decisiva para que, três anos mais tarde, ela tomasse parte na fundação da *Modern School* de Nova Iorque: “a minha visita a *La Ruche* foi uma valiosa experiência que me fez perceber o quanto poderia ser feito na direção da educação libertária, mesmo sob o atual sistema. Para construir o homem e a mulher do futuro, para libertar a alma da criança — que tarefa maior haveria para aqueles que, como Sébastien Faure, são educadores, não

pela simples graça de um diploma universitário, mas inatamente, nascidos com um dom para criar, como poeta ou artista?”⁷

A festa anual no verão também atraía as pessoas. Eram convidados os amigos e a população de Rambouillet; era um momento para apresentar *La Ruche* aos que pouco dela conheciam e de rever vários anarquistas.

Na semana anterior à festa, *La Ruche* ficava agitada e seus integrantes dedicavam-se aos preparativos: limpar, decorar e aprontar o material destinado à venda. As crianças faziam os acertos e ensaios finais de 10 ou 12 canções a serem apresentadas.

Nesse dia, as crianças apresentavam o coral aos visitantes, dividido em dois momentos, o intervalo era preenchido por uma conversa anarquista iniciada por Sébastien Faure. À noite, *La Ruche* se iluminava com as lanternas espalhadas pelas árvores e mais tarde, os fogos de artifício fechavam a festa. Para Faure, com a comemoração “cada um ganha, nos seus pulmões, uma provisão de ar puro e vivo e, nos corações, a alegria e a emoção por um bom tempo”.⁸

La Ruche fortalecia as relações entre seus integrantes e seus visitantes que, instigados com esta experiência corajosa, traziam novas maneiras de viver e dar forma a uma *cultura libertária*⁹.

Na grande fazenda, em seus ateliês, como favos, não se dissociava a produção da educação. Se a sociedade disciplinar opera por localização, relações de utilidade/docilidade e obediência, como mostrou Michel Foucault, os anarquistas, apontam Edson Passetti e Acácio Augusto, “estimulam a formação do guerreiro, fulminam as imobilizações. (...) Para

A presença de *La Ruche*: experiências anarquistas

eles, não há uma lei determinista da história, mas a possibilidade de transformar-se e transformar a história”.¹⁰ São contestadores e inquietos.

***La Ruche* não é uma escola**

Em 1913, o inspetor da academia de Versailles escreve cartas a Faure e cita várias infrações que este cometia ao não se encaixar nas leis educacionais de 1886 — derivadas da lei de Jules Ferry, de 28 de março de 1882, que declarava a obrigatoriedade escolar e a laicidade no ensino estatal primário na França. Entre as mais graves, afirmava o inspetor, estava a coeducação dos sexos, sem contar a ausência de autorização do Estado para abrir uma escola. A resposta firme de Faure deixa claro que sua experiência não se enquadra em nenhuma categoria prevista nas leis do Estado: “não é uma escola, não é um orfanato, nem um pensionato”.¹¹

Não era uma escola ao não ter alunos e professores, onde uns, que nada saberiam, escutariam o detentor do conhecimento. Não era um pensionato porque as crianças que ali habitavam não eram enviadas por pais que podiam pagar suas estadias e assim diminuir seus esforços quanto à educação dos filhos. Não era um orfanato, já que para isso precisaria de uma situação regular e uma ligação com a “assistência pública”, que levaria as crianças para lá.

La Ruche não se inseria em nenhuma instituição de ensino transcrita na lei. As acusações do inspetor não possuíam valor e Faure não infringia a lei por não estar dentro dela.

Ao não reconhecerem as leis e se negarem à submissão, ao julgamento de uma autoridade superior, os anarquistas detonam o complementar indissociável entre legalidade e

ilegalidade. Michel Foucault mostra que a ilegalidade está prevista no próprio funcionamento da legalidade; a existência de uma proibição legal cria em torno dela uma série de práticas ilegais. “Todo dispositivo legislativo organizou espaços protegidos e aproveitáveis, em que a lei pode ser violada, outros, em que ela pode ser ignorada, outros, enfim, em que as infrações são sancionadas.”¹²

La Ruche não era pautada nem pelo Estado e muito menos por um dogma religioso. Mas transpunha o espaço escolar ao pôr as crianças em contato com várias formas de educação experimentadas de maneira autogestionária, como as viagens, as conversas e as festas.

O confronto de *La Ruche* não pretendia delimitar o caminho de uma “pedagogia libertária”, ou seja, um modelo, mas a educação anarquista que “instiga ao combate, reconhece as intempestividades e provoca liberações”.¹³

La Ruche é uma *heterotopia anarquista*¹⁴. Afirmava existências e não atuava por um ideal a ser atingido. Era uma contundente resistência à sociedade disciplinar, ao afirmar a habilidade de cada um dissolvendo a distinção entre trabalho manual e intelectual.

Neste novo espaço, experimentaram-se outras relações com crianças e amigos de vários lugares, fazendo jornais, agitações e se aventurando em maquinarias sofisticadas. Revigorar essa prática nos dias de hoje é um alerta para existências insubmissas, de recusa à obediência, que se aventuram por uma vida livre.

O doloroso inverno de 1917

As relações com os amigos e anarquistas também eram cultivadas por meio do *Bulletin La Ruche*, impresso ali

mesmo a partir de março de 1914. Nele, os textos não estavam apartados das experiências cotidianas, destacando a importância de uma educação que instigasse práticas de liberdade voltadas às crianças. Mas também era possível encontrar notícias sobre os anarquistas de vários lugares e suas experiências. Marcava-se, assim, o não reconhecimento de fronteiras pelos anarquistas, já escancarado em suas longas viagens. Como em todo periódico anarquista está em questão não apenas divulgar novas práticas, mas fortalecer suas relações desde a elaboração de um texto até sua divulgação.

O boletim contou com apenas 10 números e, cinco meses depois do seu lançamento, não foi mais editado. Foi um reflexo da Primeira Grande Guerra (1914-18) — um período de intensificação das agitações anarquistas e de confrontos entre os próprios anarquistas. A guerra atingiria *La Ruche* de modo avassalador.

Já no primeiro ano da guerra, a situação começou a ficar cada vez mais difícil. Mesmo com a chegada de novos colaboradores, como Julia Bertrand, que fora convidada por Faure devido a sua campanha contra a guerra, era impossível manter os boletins. O último número data de 25 de julho de 1914.

Boa parte dos colaboradores foi embora em 1916, como Marcel Voisin. Em suas memórias, ele diz que decidiu partir para não ser mais “uma boca para alimentar”,¹⁵ e seguiu para Voisins-le-Bretonneux para ser trabalhador braçal, com a intenção de ajudar algumas crianças com o seu salário. Relata que, com o advento da guerra, os pais foram buscar suas crianças e que Sébastien Faure encontrava-se impossibilitado de realizar suas conferências pela Europa, rareando ainda mais os recursos para manter *La Ruche*.

No começo de outubro, poucos ainda estavam em *La Ruche*. O inverno rigoroso de 1917 fez com que os últimos que lá viviam também se fossem.

Sébastien Faure anunciou o fechamento de *La Ruche* no jornal *Ce qu'il faut dire...*, periódico fundado junto com seu amigo Mauricius. Nele, dedicavam-se a acirrar a luta contra a guerra, propagar ideias pacifistas e publicar textos que seguissem a mesma orientação. Em 3 de março de 1917, publicou uma coluna intitulada “*La Ruche* fechou”, e mostrou como tornava-se cada dia mais difícil manter a experiência de educação libertária: “A guerra maldita chegou, submeteu *La Ruche* à mais penosa prova. (...) Nossos modestos ateliês, destinados à educação profissional dos mais velhos e que asseguravam uma parte dos recursos que faziam *La Ruche* viver, foram fechados. As reuniões foram suprimidas, renunciei às minhas conferências que compunham cerca de 75% das receitas que alimentavam o caixa. (...) A guerra, que matou tantos homens, destruiu tanta riqueza e quebrou tantos esforços, fez mais uma vítima. (...) Mas do que adianta se lamentar? Mesmo que ela jamais renasça das suas cinzas, *La Ruche* não sumiu totalmente. Permanecerá como outro exemplo de iniciativa e de esforços feitos por alguns camaradas”.¹⁶

O menino Berthier, em agosto de 1916, volta para casa de seus pais. Nesta data, poucas crianças, aproximadamente 15, permaneciam em *La Ruche*.

Para Berthier, sair de *La Ruche* e retornar à casa dos pais não foi fácil. “No começo de setembro de 1916 eu deixei *La Ruche* como a maior parte das crianças e voltei para minha família, em Beaujolais. Mas *La Ruche* deixou em mim uma certa impressão, que não me foi mais possí-

vel aceitar a autoridade de meu pai. Depois de seis meses, nesta vida em família que eu não compreendia mais, voltei para Paris onde encontrei muitas crianças que viveram em *La Ruche* e onde, tão bem quanto mal e em plena guerra, cada um de nós tomou sua posição. Mas ao preço de esforços!!! Não era mais a livre discussão, mas as ordens do patrão e do contramestre. Não eram mais os belos passeios nos corredores da floresta, mas os telhados das usinas que pareciam me esmagar.”¹⁷

As memórias de Marcel Voisin mostram o que aconteceu com os integrantes que construíram *La Ruche*, levando a desdobramentos de uma experiência anarquista.

Voisin relata o encontro, em 1930, com Guiguite na rua, a menina a quem chamava carinhosamente de pequena irmã e que tinha sete anos quando partiu de *La Ruche*. A irmã de Guiguite, Louissette, uma criança cheia de vida, inteligente, não conseguiu se adaptar à sociedade e suicidou-se.

Aristide Lapeyre, que após fugir de casa passara a frequentar *La Ruche*, na época com 14 anos, mais tarde foi um dos fundadores da Federação Anarquista francesa, em 1945 e fez parte do grupo “Amigos de Sébastien Faure”, que reeditou algumas de suas obras.

Voisin ainda conta o que aconteceu com Henriette Royer, que tinha 16 anos quando morou em *La Ruche*. Durante a Segunda Grande Guerra, quando os nazistas invadiram a França, Henriette participou de manifestações e acabou por ser denunciada. Foi presa junto com seu companheiro e o cunhado, foram levados para a Alemanha. Henriette Royer foi para Auschwitz; acometida por uma tuberculose, serviu de cobaia às experiências médicas e morreu em 1944.

No ápice da sociedade disciplinar, nos campos de concentração, os anarquistas também foram alvos. Os campos de concentração administravam corpos, os apartavam para conter e exterminar; neles se realizava o racismo contra o diferente quando era preciso acabar com aquele que rejeita o pacto social, o inimigo político, o anormal, o incorrigível.¹⁸ Os anarquistas mostraram o incontível diante do campo de concentração.

O insuportável e indócil anarquista, que *deve* ser corrigido e, no limite, exterminado, sabe que suas experimentações, desafios e batalhas não são pela sobrevivência, mas, ao colocarem suas vidas em risco, lutam por uma existência livre.

A experiência de *La Ruche* e suas repercussões não se limitam a 1917. Neste novo espaço, os anarquistas resistiram ao governo sobre a vida ao lado de crianças e amigos, fazendo jornais, agitações, se aventurando e sem abrir mão de suas calorosas festas.

As experiências anarquistas permitem descobrir percursos de mulheres e homens corajosos e como arriscaram suas vidas ao afirmarem a liberdade em relações fortes e sutis. Diante da recusa à obediência, que se desdobra em várias práticas, é preciso ter atenção aos termos e aos embates que ficaram ultrapassados frente a uma nova composição de forças para encarar o que permanece potente e avançar.

Notas

¹ Este artigo apresenta passagens pontuais da pesquisa de iniciação científica “Sébastien Faure e *La Ruche*: uma experiência de educação libertária”; apresentada em março de 2010 ao Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP e à Comissão de Pesquisa e Extensão da PUC-SP, financiada pela CEPE/PUC-SP.

² Ernest Berthier. “La Ruche” in *Sébastien Faure et La Ruche*. Marseille, Federation Anarchiste, 1968, pp. 1-14. (Tradução de Luíza Uehara)

³ Paul Robin, em 1880, assumiu a direção administrativa do *Orfanato de Prévost*, de Cempuis, na França, e experimentou uma educação integral que abrangia os domínios físico, intelectual e moral. Proudhon, em 1864, na Associação Internacional dos Trabalhadores, lançara a questão de uma educação integral: sua proposta associava o ensino literário, científico e da aprendizagem industrial, voltada à formação de homens livres. O orfanato de Cempuis abrigava cerca de 150 crianças a partir dos 6 anos. Ali não era admitida a realização de qualquer exame ou prova como forma de classificação das crianças, nem prêmios ou castigos por desempenhos individuais. Mais do que o ensino laico, o ponto de sua proposta que mais causou escândalo foi a coeducação dos sexos. Como ainda era uma experiência vinculada ao governo, não resistiu aos violentos ataques dos meios católicos, conservadores e das autoridades escolares, o que culminou na exoneração de Paul Robin, em 1894.

⁴ As ideias universais já haviam sido destruídas por Proudhon, por meio da análise serial que situa a história das forças em luta: a liberdade e a autoridade tensionam-se, não são absolutas. Esta não pacifica a história em leis, nem identifica uma unidade nela, mas a compreende em uma dinâmica, onde nada é constante, fixo ou imutável. Não há uma síntese que pacifique essa relação, como na dialética hegeliana. Para os anarquistas, está o desafio de como avançar a *série liberdade* diante da centralização da *autoridade*. Cf. Edson Passetti e Paulo-Edgar A. Resende (orgs.). *Proudhon*. Tradução de Célia Gambini e Eunice Ornela Setti. São Paulo, Editora Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1986.

⁵ Willian Godwin, em “Crime e punição”, mostra como o castigo incide em uma pessoa culpada por ações passadas com o fim de corrigi-la ou modificá-la para a prevenção aos males futuros. Assim, a coação usada para educar

exige a obediência e submissão a uma autoridade, presente na figura do professor, do inspetor, do diretor ou do pai, importante para a continuação do governo sobre a vida. Cf. Willian Godwin. “Crime e punição”. Tradução de Maria Abramo Caldeira Brant in *Verve*, vol. 5. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, 2004, pp. 11-84.

⁶ Alfred Joriot *apud* Roland Lewin. *Sébastien Faure et La Ruche ou l'éducation libertaire*. Vauchrétien, Editions Ivan Davy, 1989, pp. 82-3. (Tradução de Luíza Uehara)

⁷ Emma Goldman. *Living my life*. New York, Dover Publications, 1970, pp. 408-409. (Tradução de Luíza Uehara)

⁸ Sébastien Faure. *Écrits Pédagogiques*. Paris, Editions Du Monde Libertaire, 1992, p. 157. (Tradução de Luíza Uehara)

⁹ Cf. Edson Passetti & Acácio Augusto. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

¹⁰ Idem, p. 84.

¹¹ Sébastien Faure, 1992, op. cit., p. 132.

¹² Michel Foucault. “Gerir os ilegalismos” in *Michel Foucault: Entrevistas*. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo, Graal, 1999, p. 50.

¹³ Edson Passetti & Acácio Augusto, 2008, op. cit., p. 10.

¹⁴ “Uma heterotopia é a realização de uma utopia num espaço específico; é a urgência de seu acontecimento, o que já é impossível aguardar, ruminar, elaborar no pensamento”. Idem, p. 83.

¹⁵ Marcel Voisin. *C'était le temps de la 'Belle Époque'*. Paris, La pensée sauvage, 1979, p. 163. (Tradução de Luíza Uehara)

¹⁶ Sébastien Faure. “La Ruche est fermée” in *Ce qu'il faut dire...*, nº 49, 3 de março de 1917. (Tradução de Luíza Uehara)

¹⁷ Ernest Berthier, 1967, op. cit., p. 13.

¹⁸ Cf. Michel Foucault. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

Resumo

O artigo expõe aspectos da história de La Ruche, uma experiência de educação anarquista na França do início do século XX. Para Sébastien Faure, seu fundador, La Ruche não era uma escola, um pensionato ou um orfanato, mas uma experiência única, que combinava arte, trabalho, comemorações e atividades ao ar livre em um ambiente não-hierárquico de educação e aprendizagem.

palavras-chave: educação anarquista, La Ruche, Sébastien Faure.

Abstract

The article exposes some aspects of the La Ruche's history, an anarchist educational experimentation in the France of the early XXth century. To Sébastien Faure, its founder, La Ruche was not a school, a boarding school, or an orphanage, but a unique experience that combined art, work, celebrations and open air activities in a non-hierarchical ambient of teaching and learning.

keywords: anarchist education, La Ruche, Sébastien Faure.

Recebido para publicação em 5 de abril de 2010. Confirmado em 20 de setembro de 2010.